

Observação n. 1.) Que nas phrases interrogativas e exclamativas emprega-se tambem adjectivamente, ex.: « *Que homem aquelle? — Que mulher!* »

Observação n. 2.) Sobre o uso de *homem* como pronome diz o sr. Theophilo Braga:

« No Portuguez do seculo XV e XVI, e ainda hoje na lingua popular, encontra-se o substantivo *homem* usado como pronome indefinido. El-rei D. Duarte, traduzindo o Tratado « *De modo Confidenti* » de S. Thomaz de Aquino, traz: « *Porém nom pôde HOMEM têr-se que alguma cousa não diga...* » A phrase latina era: « *Hæc tamen tacere non valeo* ». E' ainda hoje popularissima na fórma de *home*, e no provincialismo insulano « *heme* ».

« No *Cancioneiro Geral*, em Sá de Miranda e Ferreira, usa-se « esta fórma pronominal tão peculiar hoje no Francez *on*, de *om* e de *homme*, ex.: « *Leixar HOMEM liberdade (Cancioneiro Geral)* » — *Cuida HOMEM que bem escolhe — Que se não pôde HOMEM erguer* « (SÁ DE MIRANDA) ». No anexim popular « *HOME pobre uma vez á loja* » a sua fórma indefinida é « *QUEM é pobre vai uma vez á loja* ». Sobretudo nos anexins populares é bastante frequente este factó: « *Anda HOMEM a trote para ganhar capote* » por « *Anda-se* », etc. « *Deita-se HOMEM pelo chão para ganhar gabão* ». O substantivo *gente* tambem se emprega neste sentido, sobre tudo no dialecto brasileiro: « *Quando a GENTE está com GENTE... GENTE me deixe...* » (1).

Grammaticos ha que consideram como pronomes os adjectivos numeræes quando sós na oração. (2).

V

VERBO

161. *Verbo* é uma palavra que exprime a existencia de uma relação entre duas idéias.

Desde a mais remota antiguidade até hoje os grammaticos se não têm podido entender a respeito do kharacter essencial e distinctivo do verbo.

Entre as diversas definições que de verbo se têm dado tres ha cujo valor não pôde deixar de ser examinado, porquanto ainda ellas têm curso na mór parte das grammaticas hodiernas.

(1) *Obra citada*, pag. 64.

(2) GRIVET, *Obra citada*, pag. 96.

§ 1.º

Aristoteles em duas definições que nos deixou põe no numero dos kharacteres distinctivos dos verbos a indicação de tempo (1). Os grammaticos gregos e romanos seguiram neste ponto a doutrina de seu mestre, e entre os modernos muitissimos têm considerado a idéia de tempo marcada por tal ou tal fôrma do verbo como a que constitue-lhe a natureza, distinguindo-o de todas as outras palavras. Assim Julio Cesar Scaligero no seu tratado « *De Causis Linguae Latinae* » cap. CX diz : « *Verbum est nota rei sub tempore*, o verbo é o signal de uma cousa com indicação de tempo ». Em Allemão esta parte do discurso tem até o nome de palavra de tempo (*Zeitwort*).

Verdade é que, nas epokhas historicas das linguas mais antigas e que tambem em nossas linguas modernas, as palavras chamadas verbos têm fôrmas varias de tornar precisa pela circumstancia de tempo presente, passado ou futuro, a relação entre duas idéias; mas tal determinação é apenas funcção accessoria do verbo. Realmente, em vez dessas fôrmas temporaes seria muito possivel empregar outras locuções como « *no presente, no passado, no futuro* », de modo que o verbo não involvesse mais idéia parcial de tempo, conservando todavia o seu kharacter de verbo. Acontece ás vezes que, usando-se do verbo com uma ou outra fôrma indicadora do tempo presente, faz-se abstracção completa da idéia de tempo: nas locuções, por exemplo, « *gosto de bons livros—como de todas as carnes* » não se tem em vista indicar mais o presente do que o passado ou o futuro. Para traduzir exactamente o pensamento ser-nos-ia necessaria uma fôrma de verbo que não exprimisse circumstancia alguma de tempo; é isso que acontece, segundo Von Humboldt (2), em muitas linguas indigenas da America do Norte.

§ 2.º

Outros grammaticos fazem consistir a natureza do verbo no exprimir elle um idéia de acção feita ou recebida pelo sujeito.

(1) « Verbo, diz o grande encyclopedico, é uma palavra que, além do seu proprio sentido, encerra a noção de tempo; nenhuma de suas partes tem sentido quando tomada isoladamente; significa elle sempre cousas que são ditas uma de outra ». *Da Interpretação*, cap. III.

« Verbo acrescenta elle alhures, é uma palavra composta que, além do seu proprio sentido, encerra a noção de tempo; nenhuma de sua partes tem sentido por si, e isto se applica egualmente aos nomes. Com effeito as palavras « homem » (*ánthropos*) ou « branco » (*leycon*) não designam o tempo (*tò póte*); mas as palavras « elle anda » (*badizei*) e « elle tem andado » (*bebádike*) exprimem, além de uma certa idéia, a noção de tempo—presente as primeiras, passado as segundas ». *Poética*, cap. XX. »

(2) *Journal des Savants*, 1828, pag. 76.

Entre os grammaticos orientaes chama-se mesmo *acção* a esta parte do discurso, e em muitas grammaticas allemãs chama-se ella palavra de actividade (*Thätigkeitswort*).

Todo o mundo está de accordo em que, na analyse syntactica ou logica, as palavras chamadas verbos equivalem á palavra *ser* seguida de um predicado. Na mór parte dos verbos este predicado denota com effeito uma acção: *lêr*, por exemplo, equivale a *ser lente*, *escreber* a *ser escrevente*, etc.; mas é certo que nem sempre isso é assim.

Na verdade a idéia de acção encerra sempre a de movimento; ora muitos verbos como *descansar*, *sentar*, *dormir* encerram um predicado que só representa estado, simples modo de ser do sujeito, excluindo toda a idéia de movimento. Demais, muitas linguas têm verbos para exprimir idéias de côr: a nossa, por exemplo, tem *negrejar*, *verdejar*, etc.. Evidentemente taes verbos não trazem á mente idéia de acção. Emfim exprimirá uma acção a palavra *ser*? Considerando bem tudo isto, muitos grammaticos dão a este verbo o nome de copula: não é bastante, porém, dar-lhe um nome particular; é preciso examinar-lhe primeiramente a natureza. Acha-se então que é elle o verbo por excellencia; que é elle quem realmente pronuncia os juizos; que elle por si só poderia exprimir-os todos, ao passo que as outras palavras chamadas verbos differem dos adjectivos e são verbos, só porque encerram em si a idéia de existencia por elle significada.

§ 3.º

Não se justifica melhor do que as precedentes a definição dada pelo auctor da *Grammatica Geral de Port Royal* « *Verbo é uma palavra que significa affirmacção* ».

Affirmação é evidentemente o opposto de *negação*. Consiste a primeira em exprimir entre as idéias de sujeito e de predicado uma relação de concordancia; mostra a segunda que existe entre essas mesmas idéias uma relação de discordancia; ex.: « *O papel é branco—O papel não é preto* ». São dous torneios ou duas fórmulas que os nossos juizos recebem em virtude da diversidade da relação que concebemos entre os dous termos. Uma dessas fórmulas, a affirmacção, não é mais essencial ao juizo do que a outra, a negação: a natureza de juizo consiste na percepção de uma relação entre duas idéias, seja essa relação de concordancia, ou seja de discordancia. Si se faz consistir a natureza do verbo na affirmacção, claro está, em vista do que fica dito, que não haverá verbo em uma proposição negativa (1), ou então, que haverá uma

(1) Aristoteles, em um dos logares acima citados, querendo ser coherente, recusa o nome de verbo a toda a expressão negativa como, por

afirmação expressa pelo verbo, e uma negação expressa pela particula negativa, nada havendo, afinal de contas, porque uma destróe a outra.

Demais linguas ha em que o verbo tem duas fórmãs, uma para afirmar, outra para negar; assim, a mesma palavra na fórmula negativa deixaria de ser verbo.

Si se sustentasse que na proposição negativa affirma-se a negação, a resposta seria que ha nisso confusão de idéias e de palavras: na mesma proposição nunca se affirma negação, nem se nega affirmação; enuncia-se uma affirmação ou uma negação. Esta enunciação de uma relação (*apóphansis*) é que constitue a natureza do verbo. Tal é tambem o sentido exacto da primeira definição de Aristoteles: diz elle que « o verbo significa sempre (*aei*) cousas ditas (*legoménon*) de uma outra ».

A definição de Port Royal é, por conseguinte, acanhada de mais. Deve-se definir o verbo « a palavra que exprime a existencia de uma relação entre duas idéias », relação de concordancia, relação de discordancia ou qualquer outra, isso em nada muda a essencia do verbo. Nas sentenças a natureza discordante da relação é expressa pela particula negativa; nas proposições affirmativas a concordancia da relação não é expressa por palavra separada, mas é indicada sufficientemente pela união das palavras entre si, e pela ausencia de toda a negação. Si fosse preciso poder-se-ia notar a relação de concordancia por meio de uma palavra qualquer, por exemplo *naí* em Grego, *revera* em Latin, *realmente* em Portuguez, etc..

A definição de Port Royal seria boa si o homem sempre pensasse e sempre se exprimisse affirmativamente (1).

Como exprimir a existencia de uma relação entre duas idéias é dizer, é declarar uma cousa, segue-se que é boa a definição de W. D. Whitney « Verbo é a palavra que diz ou declara » (2).

162. Divide-se o verbo em verbo substantivo e verbo predicativo.

163. Verbo substantivo é o que indica a relação entre uma idéia qualquer e a idéia simples de substancia, ex.: « *Deus é, foi e será* ».

Ha em Portuguez um só verbo substantivo: é *ser*.

exemplo *oyk ygiánci*, e mesmo a qualquer fórmula que exprima outro tempo que não o presente.

(1) BURGGRAFF, *Obra citada*, pag. 344—349.

(2) *Obra citada*, pag. 11.

O verbo *estar*, que tambem poderia ser considerado substantivo, não o é verdadeiramente, porque não indica a existencia em absoluto, mas sim como modificada já por um estado, por uma posição, etc..

Quando o verbo substantivo relaciona a uma idéia qualquer a idéia de substancia modificada por um predicado, o verbo substantivo é considerado como simples copula, ex.: « *Pedro é bom—estes meninos são intelligentes* ».

164. *Verbo predicativo* é o que indica a existencia de uma relação entre uma idéia qualquer e a idéia de substancia, modificada por um predicado expresso pela raiz verbal, ex.: « *Pedro ama* » (equivalente de « *Pedro é amante* »).

165. Subdividem-se os verbos predicativos em *verbos intransitivos* e *verbos transitivos*.

Esta classificação funda-se na natureza do predicado contido no verbo.

O predicado apresenta-se ao nosso espirito :

- 1) como simples estado, como puro modo de ser (*idiopátheia, status, habitus*) de um objecto, ex.: « *estar—sentar—tombar—morrer* ». Chamam-se intransitivos os verbos que envolvem taes predicados. Assim, *tombar* é um verbo intransitivo porque a qualidade que notamos no objecto que é *tombante* (termo fictício) nos apparece como puro modo de ser desse objecto, como simples mudança de logar que elle effectua de um momento para outro.
- 2) Como o estado de um objecto, como um modo de ser desse objecto, que póde produzir, ou que produz realmente algum effeito sobre outro objecto, ex.: « *ferir—quebrar—amar—odiar* ». Chamam-se transitivos estes verbos porque o objecto a que elles se referem exerce uma acção que actua sobre outro objecto extranho, que passa para sobre elle.

Para que o estado de um objecto qualquer se nos apresente como transitivo preciso é que envolva idéia de movimento. E ainda não basta. E' tambem preciso que esse estado se apresente, em virtude do movimento, como produzindo um effeito qualquer sobre outro objecto, ou ao menos como capaz de o produzir.

Assim, *andar, tombar* não são verbos transitivos porque as idéias das qualidades *andante, tombante* que elles

encerram não representam o objecto de que taes qualidades são predicadas, como exercendo acção sobre outro. Ellas nol-o mostram em simples estado de movimento.

Verdade é que se diz vulgarmente « a acção de andar, de tombar ». Neste caso a palavra *acção* está tomada em sentido lato, quiçá improprio, e não indica por fórma alguma que o objecto que *anda, tomba* actue sobre objecto extranho.

166. Os verbos transitivos podem estar na voz activa e na voz passiva. Estão na *voz activa* quando a acção transitiva que representam é exercida pelo sujeito da oração: estão na *voz passiva* quando, pelo contrario, tal acção é exercida sobre esse sujeito.

Os Estoicos chamaram ao verbo transitivo em voz activa—*kategórema orthón—verbum rectum, verbo direito*; ao verbo transitivo em voz passiva deram o nome de—*yption—verbum supinum, verbo deitado de costas*; ao verbo intransitivo classificavam elles como—*oydéteron—verbum neutrum, verbo que não era direito, nem deitado de costas*. Estas denominações foram tomadas, ao que parece, das attitudes diversas dos atletas ao darem e receberem golpes (1).

167. O verbo chama-se mais

- 1) *Auxiliar*—quando empregado como elemento subsidiario na formação
 - a) dos tempos compostos de todos os verbos.
 - b) de todos os tempos dos verbos passivos.
 - c) de todos os tempos dos verbos periphrasticos e frequentativos.

Os verbos auxiliares são *haver, ter e ser*. Podem entrar na classe de auxiliares os verbos *cessar de, deixar de*, os quaes exprimem cessação ou abstenção de acto, como « *Deixar de fazer alguma cousa* ». Em proposições negativas diz-se melhor *cessar*, ex.: « *Não cessava de importunar e amesquinhar-se* ». Da mesma sorte *acertar de, dever de, tornar a* têm a força de auxiliares; o primeiro para exprimir a casualidade, o segundo a probabilidade, e o terceiro a renovação de uma acção, ex.: « *Acertou de passar (casualmente passou)—Os autos devem de ser perdidos (provavelmente se perderam).—Não tornes a peccar*

(1) R. SCHMIDT, *Stoicorum Grammatica*, Halis, 1839, pag. 63.

(não peques outra vez) ». *Dar em* também se emprega como auxiliar na acceção de *começar*, ex.: « *Muitos que já estavam para quebrar, DERAM EM dar* (começaram a dar) *para que delles tal se não presumisse* (MANOEL BERNARDES) ».

- 2) *Regular*—quando segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: « *louvar—defender* ».
- 3) *Irregular*—quando não segue exactamente seu paradigma de conjugação, ex.: « *dar—caber* ».
- 4) *Impessoal*—quando em acceção propria não pôde ter por sujeito um nome de pessoa, ex.: « *trovejar—acontecer* ».
- 5) *Defectivo*—quando não é empregado em todas as fórmãs, ex.: « *feder—colorir* ».
- 6) *Periphrastico*—quando ao seu infinito ligam-se por meio da preposição *de* os tempos dos verbos *haver* ou *ter*.
 - a) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *haver* chama-se *promissivo*, ex.: « *Eu hei de comprar* ».
 - b) O verbo periphrastico formado com os tempos do verbo *ter* chama-se *obligativo*, ex.: « *Eu tenho de comprar* ».
- 7) *Frequentativo*—quando ao participio imperfeito ajuntam-se tempos seus ou de outro verbo para denotar duração e progresso do estado de movimento ou de actividade, marcado pelo seu predicado, ex.: « *Ir indo—vir vindo—estar cahindo—andar estudando* ».
- 8) *Terminativo*—quando o predicado nelle contido exige um termo indirecto de acção: *dar, usar* são verbos terminativos porque os predicados *dante, usante* (palavras ficticias) nelles contidos requerem termos indirectos de acção, ex.: « *Dar alguma cousa a alguém—usar de alguma cousa* ».

São *terminativos* verbos intransitivos e transitivos.

- 9) *Pronominal*—quando por uso da lingua emprega-se sempre com um pronome objectivo que representa o sujeito, ex.: « *Queixar-se—condoer-se* ».

A distribuição da acção do verbo em *reciproca*, *reflexiva*, etc., está mais no dominio da logica do que no da grammatica. Diz Garrett (1) :

« O verdadeiro systema de grammatica devêra ser o
 « de simplificar, mas parece que acintemente não tratam
 « sinão de augmentar entidades e fazer difficultoso o que
 « é simples e facil, multiplicando termos e categorias de
 « divisões e subdivisões em cousas que as não precisam.
 « Que quer dizer, por exemplo, *verbo reciproco*? E' um
 « verbo activo, nem mais, nem menos, com um pronome
 « no objectivo, assim como podia ter um nome ».

VI

PREPOSIÇÃO

168. *Preposição* é uma palavra que marca a natureza de uma relação representada entre duas idéias, ex. : « *Dono de escravos—pão com manteiga* ».

Nestas expressões a palavra *de* significa evidentemente uma relação de senhorio, de possessão ; e a palavra *com*, uma relação de união de concomitancia. A preposição não indica sómente, como diz a pluralidade dos grammaticos, a existencia de uma relação entre dous termos ; é essa a função do verbo : a preposição exprime de uma maneira determinada a natureza dessa relação. Por marcar a natureza de uma relação distingue-se a preposição do verbo *ser*, empregado como copula de um verbo abstracto.

Burgraff (2) entende ser provavel que no tempo de Aristoteles não formassem as preposições classes distinctas de palavras ; Mulligan diz : « O uso original de todas as preposições parece ter sido « dar direcção local á acção dos verbos » (3).

169. As preposições portuguezas são : *a*, *ante*, *após* (*pos*), *até* (*té*), *com*, *contra*, *de*, *desde* (*des*), *em*, *entre*, *para*, *per*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*.

170. *Abaixo*, *acerca*, *acima*, *afóra*, *além*, *antes*, *aquém*, *à roda*, *ao redor*, *atrás*, *conforme*, *debaixo*, *de cima*, *defronte*, *detrás*, *dentro*, *depois*, *diante*, *excepto*, *junto*, *longe*, *perto*, *perante*, etc., são adver-

(1) *Obra citada*, pag. 237.

(2) *Obra citada*, pag. 502, nota.

(3) HOLMES, *A Grammar of the English Language*, New-York, 1874, pag. 75.

bios ou mesmo locuções prepositivas que fazem as vezes de preposições, sem o serem realmente.

171. Póde-se juntar uma preposição a outra para modificar a natureza da relação, ex.: « *Por entre—de sobre* ».

A este respeito diz Moraes: « Outras vezes o nome se offerece ao nosso entendimento em duas relações: v. g. « a porta *de sobre* o muro »: onde « muro » se offerece como possuidor de « porta », e « como logar sobre que ella estava » (1). É acerescenta em nota: « Os Hebreus tinham o mesmo uso. V. Oleastri, Hebraism. Canon 5'—*Non auferetur sceptrum de Jehudah, et Scriba de inter pedes ejus, donec veniat Siloh et ei obedientia gentium.*—Os Latinos usaram o mesmo: v. g.—*in ante diem; in super rogos; de sub; de super.*—Nós dizemos—*de entre muros; perante, empós, após de; desno tempo; desde; de des e de—Foram-me tirar dos claustros e de sobre os livros (Vida do Arcebispo). De sob as arvores (Menina e Moça); Mora a sobripas, etc.* ».

172. Chama-se *locução prepositiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma preposição, ex.: « *Em cima de—a cavalleiro de* ».

VII

CONJUNÇÃO

173. *Conjunção* é uma palavra que marca a natureza de uma relação representada entre dous juizos.

A conjunção representa entre dous juizos o mesmo papel que desempenha a preposição entre duas idéias.

174. Conjunções ha que ligam verdadeiramente palavras, determinando a natureza de uma relação entre duas idéias na mesma sentença, taes são *e, nem, ou, etc.*

Burgraff (2) entende que a conjunção só liga *proposições*, e a maioria dos exemplos em contrario explica-os elle por meio de ellipses: na expressão « *tres e seis são nove* » opina o douto philologo que « e » seja uma verdadeira preposição equivalente de « *com* ».

(1) *Epitome da Grammatica Portugueza*, na 7.^a edição do *Diccionario*, pag. XIV.

(2) *Obra citada*, pag. 512.

175. Divide-se a conjunção em conjunção coordenativa e conjunção subordinativa.

176. *Conjunção coordenativa* é a que mostra a natureza de uma relação representada entre juízos independentes, ex.: « *Cervantes no D. QUIXOTE matou a instituição da cavallaria andante; e Camões nos LUSIADAS immortalisou a arte da navegação* ».

177. A conjunção coordenativa é

- 1) *Copulativa*—e, também, nem.
- 2) *Continuativa*—pois, ora, outrossim.
- 3) *Explicativa*—como.
- 4) *Disjunctiva*—ou, quer.
- 5) *Adversativa*—mas, porém, todavia.
- 6) *Conclusiva*—logo, pois.

178. *Conjunção subordinativa* é a que mostra a natureza de uma relação representada entre juízos dependentes, ex.: « *Não creio que o rei seja mau* ».

179. A conjunção subordinativa é

- 1) *Condicional*—si.
- 2) *Causal*—porque, como, que.
- 3) *Concessiva*—embora, quer.
- 4) *Temporal*—como, quando.
- 5) *Integrante*—que, como, si.

Deve-se antes escrever *si* do que *se*: este modo de orthographar a palavra, sobre ser mais conforme com a pronuncia, identifica o derivado com a raiz latina. Em Francez e em Hespanhol adoptou-se *si*; em Italiano, *se*.

180. Chama-se *locução conjunctiva* uma reunião de palavras que faz as vezes de uma conjunção, ex.: « *logo que—contanto que—si bem que, etc.* ».

VIII

ADVERBIO

181. *Adverbio* é uma palavra que determina a natureza de uma relação, encerrando em si ao mesmo tempo o segundo termo dessa relação.

Deprehende-se disto que o adverbio é uma redução ou expressão abreviada da preposição com seu complemento em uma só palavra invariavel.

182. O adverbio modifica

- 1) um verbo, ex.: « *amanhecerá logo* ».
- 2) um adjectivo, ex.: « *muito sabio* ».
- 3) um outro adverbio, ex.: « *assás correctamente* ».
- 4) um substantivo, ex.: « *unicamente Pedro* ».

Prisciano, grammatico latino do seculo VI definiu o adverbio « *Est pars orationis indeclinabilis, cujus significatio verbis adjectivatur* »; Court de Gébelin (1) e outros grammaticos modernos (2) têm o mesmo modo de entender, isto é, que o adverbio só modifica verbos. Chamam ao adverbio *adjectivo do verbo*, e dão-lhe superlatividade em phrases como « *muito eloquentemente, pouco prudentemente* ». A opinião mais seguida é que elle modifica adjectivos, verbos e outros adverbios; para se ficar, porém, convencido de que, como ensinam Soares Barbosa (3) e Bastin (4), elle tambem modifica substantivos basta attender-se á differença destes juizos: « *Shakespeare conheceu unicamente o coração humano—unicamente Shakespeare conheceu o coração humano* ».

No primeiro o sentido é que o coração humano foi a unica cousa que Shakespeare conheceu; *unicamente* refere-se a *conheceu*: no segundo diz-se que Shakespeare foi o unico homem que conheceu o coração humano; *unicamente* diz respeito a *Shakespeare*. A escolha de um substantivo proprio torna mais frizantes os exemplos, e mais clara a doutrina.

183. Conforme a natureza da modificação que exprime, divide-se o adverbio em *adverbio*

- 1) *de tempo*—*agora, ainda, amanhã, antes, cedo, hoje, hontem, depois, já, jamais, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde, então.*
- 2) *de logar*—*onde, aqui, ahi, alli, aquém, além, acima, arriba, avante, cá, lá, acolá, fóra, dentro, algures, alhures, nenhures, perto, longe, trás.*

(1) BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 522.

(2) BERGMAN, *Obra citada*, pag. 448.

(3) *Obra citada*, pag. 235.

(4) *Obra citada*, pag. 289.

Aquí é o adverbio de logar da primeira pessoa; *ahi*, da segunda; *alli*, *lá*, *acolá*, etc., da terceira.

- 3) *de ordem*—*primeiramente*, *ultimamente*, *depois*.
- 4) *de modo*—*bem*, *mal*, *assim*, *como*, *acintemente*, e a mór parte dos que se formam pela adjuncção da terminação *mente* a um adjectivo.
- 5) *de conclusão logica*—*consequintemente*, *consequentemente*.
- 6) *de quantidade*—*muito*, *pouco*, *assás*, *mais*, *menos*, *tão*, *quão*, *tanto*, *quanto*, *como*, *quasi*.
- 7) *de affirmação*—*sim*, *verdadeiramente*, *effectivamente*, *realmente*, *certamente*.
- 8) *de negação*—*nada*, *não*, *menos*, *nunca*, *jamais*
- 9) *de duvida*—*talvez*, *acaso*, *quicá*.
- 10) *de exclusão*—*só*, *somente*, *apenas*, *unicamente*, *siquer*, *sinão*.
- 11) *de designação*—*eis*.

184. Chama-se *locução adverbial* uma reunião de palavras que faz as vezes de um adverbio, ex.: « *de balde—ás direitas* ».

IX

INTERJEIÇÃO

185. *Interjeição* é um som articulado que exprime um affecto subito, ou que imita um som inarticulado, ex.: « *Oh!*... *disse o principe. Esta unica interjeição lhe fugia da bocca; mas que discurso houvera ahi que a equalasse? Era o rugido de prazer do tigre, no momento em que salta do fojo sobre a preia descuidada* (A. HERCULANO).—*Paf!*... *um primeiro tiro. Paf!*... *um segundo tiro. Paf!*... *uma saracivada* (ANONYMO) ».

Os Gregos não consideraram a interjeição como verdadeira palavra, por isso que é ella antes clamor instinctivo do que signal de idéia; por conveniencia classificaram-na entre os adverbios; foram os grammaticos latinos que lhe assignaram logar distincto entre as partes do discurso. Scaligero, De Brosses, Destut Tracy e muitos outros grammaticos celebres tiveram-na como a palavra por excellencia, como a parte primitiva e principal do conjuncto de signaes que exprimem o pensamento. Era justa a opinião dos

mestres gregos: a interjeição não representa idéia, não envolve noção; é articulação instintiva, é grito animal, não é palavra (1).

186. As interjeições exprimem

- 1) a dôr—*ai! wi!*
- 2) o prazer—*ah! oh!*
- 3) o allivio—*ah! eh!*
- 4) o desejo—*oh! oxalá!*
- 5) a animação—*eia! sus!*
- 6) o applauso—*bem! bravo!*
- 7) imposição de silencio—*chiton! psio! caluda!*
- 8) a aversão—*ih! chi!*
- 9) o appello—*ó! olá! psit! psiu!*
- 10) a impaciencia—*irra! apre!*

Ha interjeições onomatopaicas, isto é, que imitam ruidos, ex.: « *Zaz!—truz!* ».

187. Chama-se *locução interjectiva* qualquer reunião de palavras empregada exclamativamente, ex.: « *Pobre de mim!—Que gosto!* ».

SECÇÃO SEGUNDA

KAMPENOMIA

188. *Kampenomia* é o conjuncto das leis que presidem á flexão das palavras.

189. *Flexão* é a mudança que experimenta a palavra variavel para representar as diversas gradações da idéia.

190. Distinguem-se na palavra variavel dous elementos principaes: o *thema* e a *desinencia*.

- 1) *Thema* é a parte invariavel da palavra: em *provo, provas, provarei, provar*, PROV é o *thema*.
- 2) *Desinencia* é a parte movel ou transformavel da palavra: nos exemplos acima O, AS, AREI, AR são *desinencias*.

O *thema* chama-se tambem *radical*; e a *desinencia*, *terminação*.

Ha differença entre *thema* e *raiz*: *raiz* é o elemento primitivo da palavra, o som que encerra a idéia principal, conservado puro

(1) GUARDIA ET WIERZEYSKI, *Obra citada*, pag. 75. BASTIN, *Obra citada*, pag. 303. BURGRAFF, *Obra citada*, pag. 527—528.

através das migrações etymologicas. Em *ingerir* a desinencia é *ir*, o thema *inger*, a raiz GER.

191. São palavras sujeitas á flexão o nome e o verbo.

O adverbio marca a transição das palavras variaveis para as invariaveis : com effeito é elle como um adjectivo ankylozado, e si, rigorosamente fallando, não recebe flexão, modifica-se todavia para exprimir grau de comparação, ex. : « *lindamente—lindissimamente* ».

192. Ha *flexão nominal* e *flexão verbal*, *themas* e *desinencias nominaes*, *themas* e *desinencias verbaes*.

O thema é o desenvolvimento da raiz primitiva (monosyllabica sempre nas linguas indo-germanicas) : modifica-se ou converte-se elle em nome ou em verbo, conforme são *nominaes* ou *verbaes* as desinencias que se lhe ajuntam.

193. *Flexão nominal* é a união do thema com as desinencias *nominaes*.

194. Por meio de flexão nominal representa-se o genero, o numero e o grau de significação.

195. *Genero* é a distincção dos nomes em relação ao sexo das cousas por elle representadas ou modificadas.

196. Ha em Portuguez dous generos : o *masculino* e o *feminino*.

As palavras que representam cousas que não têm sexo assumem o genero masculino ou feminino por analogia de flexão.

197. *Numero* é a distincção dos nomes em relação ao facto de representarem ou modificarem elles uma só cousa ou mais de uma cousa.

198. Ha em Portuguez dous numeros : o *singular* e o *plural*.

Um nome que representa uma só cousa está no singular, ex. : « *navio—chapéo* ».

Um nome que representa mais de uma cousa está no plural, ex. : « *navios—chapéos* ».

Observação n. 1.) Não são usados no singular os nomes que significam pares, multidão ou acervo de cousas da mesma especie, ex. : « *bragas—calças—ceroulas—exequias—faucês—fezes—preces—sêmeas—thesouras—trevas—viveres*, etc. ».

Todavia vai-se estabelecendo o uso de dizer *calça, thesoura, treva, etc.*.

Observação n. 2.) Não são usados no plural os nomes próprios, porque exprimem um individuo só; quando, porém, se lhes dá numero plural, é figuradamente para significar individuos da mesma classe, como *os Virgílios, os Homeros, os Cesares, os Alexandres, etc.*, isto é, os poetas celebres como Virgilio e Homero, os grandes generaes como Cesar, etc..

Tambem não se usam no plural os nomes

- 1) de sciencias e artes, tomadas individualmente, ex. : « *a theologia, a philosophia, a esculptura, a pintura, etc.* » ;
- 2) de qualidades habituaes, ex. : « *a fé, a esperanza e a caridade* » ; menos quando são tomadas pelos actos dellas, ex. : « *duas fés e crenças—Deus abhorrece avarezas, isto é, os actos viciosos da avareza* » ;
- 3) de metaes ou substancias elementares inorganicas, ex. : « *ouro, prata, cobre, hydrogeneo, azote, carbone, etc.* » ; excepto si quizermos significar peças, artefactos, porções ou especies, accidentalmente differentes, como « *estar a ferros—muitas pratas—aguas mineraes—aguas thermaes, etc.* » ;
- 4) de productos animaes ou vegetaes, ex. : « *leite—mel—cera—canella—seda, etc.* » ;
- 5) de ventos, etc. : « *norte—sul, etc.* » ; todavia, cursando dias e temporadas, é costume dizer : « *Entraram-lhe os suestes, os nordestes, as brisas—cursavam os levantes, etc.* » ;
- 6) dos substantivos compostos *meio-dia, norte-sul, verde-mar, verde-montanha.*

199. Grau

- 1) em relação ao substantivo, é a faculdade de poder elle representar uma cousa ou em estado normal, ou augmentada, ou diminuida.
- 2) em relação ao adjectivo, é a faculdade de poder elle qualificar o substantivo
 - a) sem comparal-o com outro,
 - b) comparando-o com outro,
 - c) exaltando-o pela comparação acima de todos os individuos da especie representada pelo substantivo,
 - d) exaltando-o em absoluto.

200. Ha em Portuguez tres graus de significação : normal, augmentativo, diminutivo.

201. O substantivo

- 1) em *grau normal* representa uma cousa como ella é communmente, ex.: « *Homem—mulher* ».
- 2) em *grau augmentativo* representa-a augmentada, ex.: « *Homemzarrão—mulheraça—mulherão* ».
- 3) em *grau diminutivo* representâ-a diminuida, ex.: « *Homemzinho—homunculo—mulherzinha—mulhercula* ».

202. *Flexão verbal* é a união do thema com as desinencias verbaes.

203. Por meio da flexão verbal representa-se o modo, o tempo, o numero e a pessoa do verbo.

204. *Modo* é a maneira porque se apresenta uma relação entre duas idéias.

205. Ha em Portuguez quatro modos: o indicativo, o condicional, o imperativo e o conjunctivo.

206. A relação entre duas idéias é representada

- 1) pelo *indicativo* como real,
- 2) pelo *condicional* como dependente de uma condição,
- 3) pelo *imperativo* como exigida por uma ordem, por uma manifestação de vontade,
- 4) pelo *subjunctivo* como contingente.

207. O *infinito* e o *participio* são antes *formas nominaes* do verbo do que modos: o infinito representa o substantivo; o participio, o adjectivo.

A este respeito diz o grande philologo indianista, sr. Miguel Bréal (1): « Ha erros mais graves que se deveria expungir dos livros de estudos: esses erros imbuem no espirito de nossos meninos idéias que prejudicam mais tarde a intelligencia da syn-taxe.

« Nada é mais simples que a noção do modo, si limitamo-nos ao indicativo, ao imperativo e ao subjunctivo. O modo, diremos nós ao menino, muda conforme a maneira porque se appresenta a proposição. Si nos contentarmos com expôr ou enunciar um facto, empregaremos o indicativo. Si quizermos dar uma ordem,

(1) *Mélanges de Mythologie et de Linguistique*, Paris, 1877, pag. 328—329.

« será o imperativo. O subjunctivo serve para exprimir uma
 « acção que é considerada como possível ou como desejavel.
 « Obscurecemos, porém, a idéia de modo desde que a estendemos
 « ás fórmãs impessoaes, como são o infinito, o supino (1), os
 « participios. Realmente elles não são modos, mas sim formações
 « de uma natureza á parte, a que é preciso dar um outro
 « nome.

« Com effeito, o que kharacterisa o verbo é que elle por si só
 « póde representar uma proposição, como o vemos em phrases
 « taes como *audio, pergite, taceat*. Para empregar a linguagem da
 « logica, o sujeito nestas proposições é representado pela desinen-
 « cia, o predicado pela raiz ou thema: quanto á copula que os
 « reúne, é ella supprida por nossa intelligencia. Mas dá-se cousa
 « inteiramente diversa com fórmãs como *legere, amans, monitus*:
 « por si proprias ellas não apresentam sentido completo, porquan-
 « to nestas palavras nosso espirito concebe de maneira diversa a
 « relação entre a flexão e o radical. A copula interior não é
 « subentendida, de modo que não ha proposição. *Legere, amans,*
 « *monitus* são na realidade formações nominaes. Tocamos aqui na
 « differença essencial que ha entre verbo e nome. Todas as outras
 « noções que o verbo serve ainda para notar são accessorias. O
 « tempo, a voz, a pessoa, o numero, a força transitiva, são de
 « importancia secundaria, e vêm de certa maneira por accrescimo.
 « Já se deixa ver que confusão introduz-se no espirito das crian-
 « ças quando reúnem-se sob a mesma designação de modo fórmãs
 « verbaes como *venite, lege, eamus*, e formações nominaes como
 « *audire, legendi, lusum* ».

O sr. Adolpho Coelho (2) tambem considera o infinito e o particípio fórmãs nominaes do verbo.

O infinito Portuguez tem a peculiaridade de ser sujeito a flexão pessoal e numerica.

208. *Tempo* do verbo é a determinação da epokha em que tem lugar a relação que o verbo exprime.

209. As epokhas são tres: presente, passado e futuro.

210. Para determinar as varias gradações de anterioridade e de posterioridade das tres epokhas nos diversos modos e fórmãs

(1) Nas linguas romanicas não ha supino: o sr. Bréal refere-se ao Latim.

(2) *Theoria da Conjugação em Latim e Portuguez*, Lisboa, 1870, pag. 124 e seguintes.

nominaes tem o verbo portuguez vinte e quatro tempos, como se póde ver deste quadro

	Indicativo	Imperativo	Condicional	Subjunctivo	Infinito	Participio
<i>Presente</i>	1	1	1	2	1
<i>Imperfeito</i>	1	1 (2)	1	1
<i>Perfeito</i>	1	1	1	2	1
<i>Aoristo</i> (1).	1	1
<i>Plusquam perfeito</i>	1	1
<i>Futuro</i>	2	2

211. Em geral

- 1) *o presente* indica actualidade da relação expressa pelo verbo, ex.: « *Pedro é imperador* ».
- 2) *o imperfeito* indica a actualidade dessa relação com referencia a uma epokha passada, ex.: « *Em 1789 ERA Washington presidente* ».
- 3) *o perfeito* indica a preteritividade determinada da relação, ex.: « *O ministerio TEM SIDO muito guerreado* ».
- 4) *o aoristo* indica a preteritividade indeterminada da relação, ex.: « *Pedro MORREU* ».
- 5) *o plusquam perfeito* indica a preteritividade da relação com referencia de anterioridade a uma epokha passada, ex.: « *Quando chegou Blicher em Waterloo já as tropas francezas TINHAM PERDIDO a esperança da victoria* ».

(1) Do grego *aóristos, indefinido, indeterminado*: tomou-se da grammatica grega a denominação do tempo, e a maneira de classificar-o.

(2) Em geral considera-se este tempo como presente; alguns grammaticos têm-no como futuro. Pelo estudo comparativo da grammatica latina vê-se que é imperfeito, e como tal o avaliam, entre outros, o sr. Bento José de Oliveira na *Nova Grammatica Portugueza*, (13.^a edição, Coimbra 1878) e o sr. Adolpho Coelho, *Obra citada*, pag. 18.

- 6) o *futuro* indica simples futuridade, ex.: « *Paulo SERÁ ministro* ».
- 7) o *futuro anterior* indica futuridade anterior a qualquer circumstancia, ex.: « *Pedro JÁ TERÁ SIDO acclamado quando chegarem as tropas* ».

Os tempos são simples ou compostos: *simples* são os que se formam pela junção da desinencia ao thema; *compostos* são os que se formam pela junção do participio aoristo aos tempos dos verbos auxiliares.

212. *Numero* do verbo é a fórma que o verbo assume para indicar a unidade ou a pluralidade do seu sujeito.

Sujeito é a primeira das duas idéias relacionada pelo verbo.

213. *Pessoa* do verbo é a fórma que elle assume para indicar que o seu sujeito é da primeira, da segunda ou da terceira pessoa.

214. *Conjugar* um verbo é fazel-o passar pelas fórmãs que representam as modificações da relação por elle expressa.

I

SUBSTANTIVO

§ 1.º

Genero

215. O genero do substantivo é determinado pela significação do thema ou pela flexão.

A flexão nominal, perfeita relativamente ao numero e ao grau, é deficiente no que diz respeito ao genero: na mór parte dos casos ha necessidade de pedir ao thema a significação do substantivo para determinar-se o genero a que elle pertence. Em geral pôde-se dizer que as regras tiradas da desinencia para determinar o genero de um substantivo estão sempre subordinadas ás que se tiram da significação do thema.

216. São masculinos em virtude da significação do thema

- 1) os substantivos que significam macho, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex.: « *Homem—cavallo—Cáligula—Incitatus* ».

- 2) os nomes proprios de anjos, demonios, deuses e semideuses, ex. : « *Azrael—Satanaz—Jupiter—Hercules* ».
- 3) os nomes proprios de ventos, ex. : « *Boreas—Zephyro* ».
- 4) os nomes proprios de montes, ex. : « *Himalaya—Ossa—Pelion* ».
- 5) os nomes proprios de rios, ex. : « *Lima—Parahyba—Sena* ».
- 6) os nomes proprios de mares, ex. : « *Baltico—Caspio* ».
- 7) os nomes proprios de mezes, ex. : « *Janeiro—Abril* ».
- 8) os nomes das letras do alphabeto, os dos algarismos e os das notas musicaes, ex. : « o *J*;—o *R*;—o *4*;—o *5*;—o *dó*;—o *fá* ».
- 9) os infinitos dos verbos e quaesquer palavras, phrases ou sentenças empregadas como substantivos, ex. : « O *dar*;—o *partir*;—o *bom*;—o *sim*;—o « *não posso* » do *rei* ».

217. São femininos em virtude da significação do thema

- 1) os substantivos que significam femea, quer sejam appellativos, quer sejam proprios, ex. : « *Mulher—leôa—Dido—Estricte* (cadella de Acteon) ».
- 2) os nomes proprios de deusas, nymphas e outras divindades e personificações allegoricas, a que se attribue o sexo feminino, ex. : « *Juno—Eukharis—Clotho—Tisiphone—Discordia*, etc. ».
- 3) os nomes proprios de cidades, villas e aldeias, ex. : « *Londres—Trancoso—Gralheira* ».

Os nomes proprios que foram primitivamente appellativos têm o genero que indica a sua desinencia, ex. : « O *Porto* —a *Bahia* ».

- 4) os substantivos que designam cousas abstractas, ex. : « *Pallidez—saude—superficie* ».
- 5) os nomes dos dias da semana, ex. : « *Segunda-feira—Sexta-feira*. Exceptuam-se *Sabbado* e *Domingo* que são masculinos.

218. Os substantivos que têm uma só fórma para designar ambos os sexos chamam-se *communis de dous*, ex. : « *Artifice—conjuge—guia* ».